



Ficha de Pesquisa

Empatia e o efeito « Pigmalião»: a influência positiva de uma visão positiva do outro

Tronco do módulo: D

“Quando o professor começou a tratá-lo como um bom aluno, ele tornou-se um bom aluno: se queremos que as pessoas mereçam a nossa confiança, temos que começar por confiar nelas.”

Marcel Pagnol

1 - Temática

O tema aqui discutido é a “Empatia e o efeito “Pigmalião” a influência positiva da visão positiva do outro”

A finalidade desta ficha de recursos é responder à questão do lugar especial que as considerações teóricas sobre o chamado efeito “Pigmalião” (isto é, a profecia da autorrealização) e sobre o efeito “Golem” podem ter no trabalho de acompanhamento educativo e pedagógico dos alunos com necessidades educativas especiais.

A finalidade desta ficha de recursos será descrever o trabalho e a pesquisa na área da psicologia e pedagogia no que diz respeito a estes efeitos Pigmalião e Golem para retirar os elementos chave que permitem aos professores e cuidadores estabelecer ferramentas pedagógicas e um posicionamento relacional que podem permitir à criança com NEE desenvolver as suas potencialidades ao máximo.

O efeito Pigmalião: a influência positiva de uma visão positiva do outro

O efeito Pigmalião, também conhecido como o “efeito de Rosenthal e Jacobson” (em nome do psicólogo e educador que o estudou) refere-se à ideia dos preconceitos com que uma pessoa (como figura da autoridade) influencia e determina outra na sua construção, nos seus comportamentos e nas suas potencialidades.

O psicólogo Robert Rosenthal descobriu o efeito Pigmalião numa experiência psicológica singular: um grupo de 12 ratos foi dividido em dois grupos iguais, depois cada grupo foi enviada para um grupo de seis alunos para os colocar num labirinto. Uma experiência clássica da psicologia, mas à qual Rosenthal deu um colorido especial, para **verificar o efeito da presença do experimentador nos resultados da experiência.**

De facto, foi dito um dos dois grupos de alunos que os ratos que lhes foram confiados eram muito eficazes e que se esperava deles um desempenho excelente (o que era falso uma vez que os ratos tinham sido selecionados ao acaso). Pelo contrário, foi dito ao outro grupo que os ratos que lhes tinham sido confiados tinham características genéticas que prometiam fracos resultados (o que era, claro, falso).

Os resultados desta experiência, foram surpreendentes para o cientista: os ratos confiados aos alunos que acreditaram que eles eram particularmente eficazes tiveram um bom desempenho. Quanto ao

grupo dos ratos designados com deficientes, o desempenho obtido foi, pelo contrário, mau. Assim, surgiu da experiência de Rosenthal a **questão fundamental da influência da visão da pessoa de acompanhamento sobre o acompanhado.**

O efeito Pigmalião e as relações de aprendizagem:

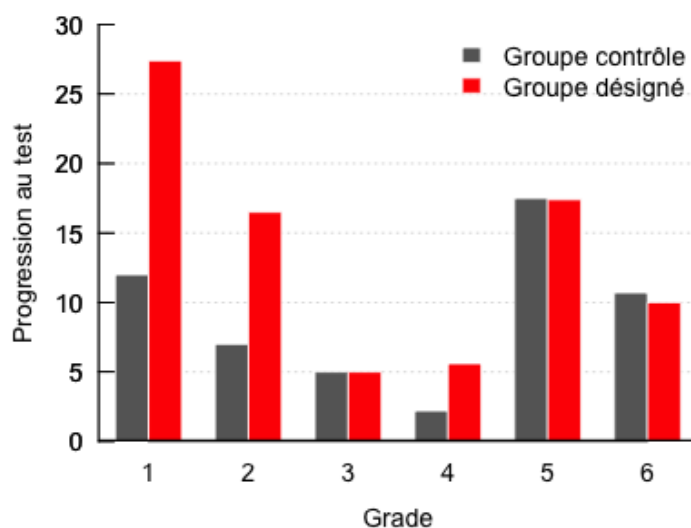
A partir desta experiência, e para perceber o processo envolvido neste fenómeno, Rosenthal propôs a ideia de que os preconceitos positivos do professor sobre os seus alunos têm uma grande importância no seu potencial. Para testar esta hipótese ao nível experimental, Rosenthal postulou que: se os professores acreditarem que os seus alunos são dotados, isto tem um impacto positivo no seu progresso e resultados.

Pra demonstrar isto, foi feita uma experiência na escola primária de Oak nos subúrbios de San Francisco. Uma escola dirigida pelo pedagogo Leonore Jacobson.

A experiência decorreu do seguinte modo: os investigadores passaram testes de QI a todas as crianças. Os resultados reais obtidos nesses testes não foram comunicados aos professores. Entre esses alunos, um pequeno número foi escolhido ao acaso. Os investigadores fizeram crer aos professores que os alunos selecionados (independentemente dos verdadeiros resultados do seu teste de inteligência) tinham uma inteligência notável e que resultados contundentes eram esperados. Estes investigadores passarão o mesmo teste de QI no final do ano letivo.

Os resultados desta experiência foram publicados em 1966 (Rosenthal e Jacobson, Relatórios Psicológicos, vol 19., 1966) e **são elucidativos: a progressão dos testes de inteligência dos alunos escolhidos ao acaso que foram designados com tendo “um ótimo desempenho” foi significativamente mais elevada do que a dos outros alunos.**

“Grupo de controle” e “Grupo designado” resultados comparativos



Aqui o eixo “grau” corresponde à turma do aluno

Source : <https://sciencetonnante.wordpress.com/2014/02/10/leffet-pygmalion/>

Rosenthal chamou a este processo o “efeito Pigmalião” em referência ao famoso mito grego de Pigmalião e falou sobre este processo como uma “profecia de autorrealização” (Rosenthal e Jacobson, 1968): os pressupostos feitos pelo professor sobre o futuro da escolaridade de um aluno concretizam-se apenas porque foram formulados, influenciando a própria pessoa que os formula no **seu posicionamento com o aluno.**

O efeito Golem: a influência de uma visão (negativa) no outro (negative)

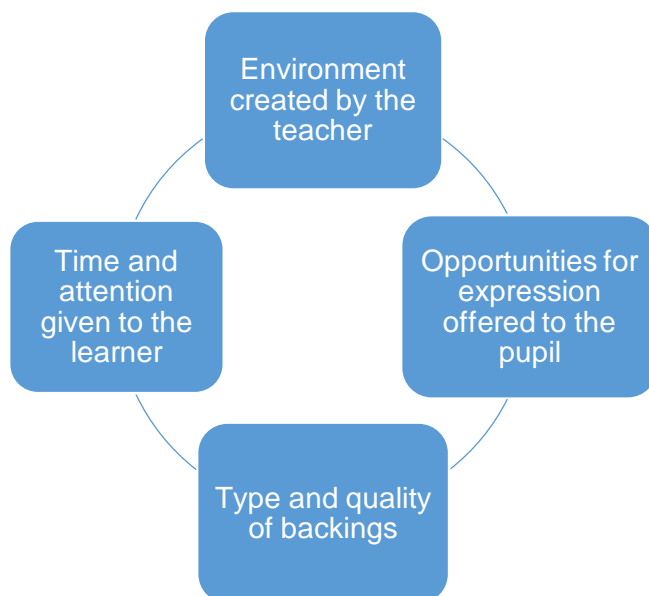
O efeito Pigmalião é diferente deste oposto negativo do efeito “Golem”, derivado do mito judaico. Enquanto que o efeito Pigmalião diz respeito a uma influência positiva da ideia pré-concebida de uma figura de autoridade, que acredita no seu sucesso e nas suas qualidades, sobre uma pessoa, o efeito Golem diz respeito **influência negativa sobre uma pessoa, a partir das ideias pré-concebidas, por parte de uma figura de autoridade, que não acredita no seu sucesso.**

Deve ver-se que o que está em risco aqui não é uma intenção maliciosa hipotética ou uma vontade de favorecer “os favoritos” do professor. Estes processos são, de facto na maioria das vezes inconscientes. Os preconceitos que estão a ser trabalhados aqui são interiorizados, e não determinam comportamentos conscientemente motivados por isto. Pelo contrário, estes preconceitos (no sentido definido por Allport, 1954) agem em consequência de uma influência inconsciente, tal como é o caso dos estereótipos (Hamilton & Trolie, 1986). É parte da influência insidiosa mas decisiva dos preconceitos nas relações e aprendizagem que estão no centro do trabalho de Rosenthal.

A empatia e a visão do outro

Para explicar como este processo se desenrola no contexto das relações de aprendizagem, Rosenthal desenvolveu um modelo que descreve quatro fatores estruturantes na relação professor-aluno:

Os quatro fatores da relação de aprendizagem



Podemos ver aqui: **estruturar a relação de aprendizagem é em parte baseada na capacidade empática do professor.** Deve-se considerar um fator na construção das ferramentas educativas para tirar partido de efeito Pigmalião, ou limitar o efeito Golem.

Rosenthal disse que são estas capacidades empáticas que faltam no efeito Golem. Rosenthal propôs um modelo de **modalidades relacionais particulares que se podem construir entre um professor e os alunos que ele julga terem baixas capacidades.**

Ao nível não-verbal:

- Os professores tendem a manter uma grande distância física dos alunos que acham que são menos eficazes;
- Os professores tendem a olhar nos olhos os alunos que consideram fracos;
- Os professores tendem através das suas atitudes não-verbais (aquiescência, etc.) a apoiar mais as propostas feitas pelos alunos que consideram melhores;
- Os professores tendem através das suas atitudes não-verbais a apoiar menos os alunos que consideram ser menos eficazes quando eles intervêm.
- **Ao nível verbal:**
- Os professores questionam menos os alunos que acham que têm um desempenho menos bom;
- Os professores oferecem um conteúdo menos complexo aos alunos que consideram mais fracos;
- Os professores acham mais fácil chamar os alunos que consideram ser eficazes (ao dar-lhes pistas para encontrar uma solução. Etc.)
- Os professores repetem mais frequentemente as perguntas que fizeram para os alunos que consideram eficazes.

Como podemos ver, a capacidade empática é o modo de trabalhar destes fatores e de pensar sobre a relação na aprendizagem ao propor enquadramentos, referências e modalidades organizacionais (ver, por exemplo, as fichas de boas práticas “organização do tempo e referencias” e “posicionamento e orientação no espaço”) para se manter o contacto com as necessidades da criança com singularidades relacionadas com as suas necessidades educativas especiais.

2/ Contexto

Estamos numa turma (da escola primária ou secundária) onde um aluno tem uma incapacidade psicológica. Este alunos tem dificuldades do ponto de vista do seu comportamento (ele tem na verdade desordens de comportamento). Os profissionais de ensino apontam dificuldades em trabalhar com alunos que têm uma baixa autoestima e questionam constantemente a sua capacidade de ser bem sucedido.

Aqui, baseados nos trabalhos e descobertas do efeito Pigmalião, o professor organiza uma ferramenta pedagógica que pretende dinamizar as perspetivas positivas sobre este aluno (as suas capacidades, potencialidades, os seus pontos fortes, etc.). Por exemplo, pode organizar uma **oficina de “Apresentações transversais”**. Uma oficina onde os alunos são organizados em grupos e onde cada um se apresenta aos seus colegas. As instruções podem ser apresentar aos outros as coisas positivas que ele fez nessa semana, os seus sucessos, etc. Esta oficina é supervisionada pelo professor que mobiliza as capacidades empáticas de todos e favorece os pontos de vista positivos das crianças sobre os seus colegas. O professor pode contribuir para estas apresentações transversais ao apresentar elementos positivos de cada criança.

Baseados na mesma visão pedagógica, pode-se propor a um aluno para manter um “diário de bordo” no qual anotará as coisas positivas que fez durante o dia, os seus sucessos, etc. O tempo

para troca entre o professor ou a pessoa acompanhante e o aluno é agendado durante a semana para “avaliar”. Este tempo é uma oportunidade para mobilizar as capacidades empáticas do aluno (Rosenberg, 1999), e assim promover um ponto de vista favorável sobre si mesmo.

3/ Objetivo

esta ficha está associada ao tronco do módulo D, Definir. Serve para definir o que estamos a dizer quando falamos de empatia como um verdadeiro condutor e um recurso na aprendizagem. É uma questão de fornecer recursos ao professor e aos acompanhantes do aluno permitindo modificar as suas representações sobre o que a empatia permite do ponto de vista do ensino-aprendizagem, e, assim, promover a implementação de ferramentas educativa inovadoras e de modalidades relacionais promissoras.

4/ Limites

o limite, aqui, é o facto dos efeitos Pigmalião e Golem pertencerem a processos complexos e que muitos trabalhos em pedagogia e psicologia estão associados a eles, levando, muitas vezes, a diferentes visões educativas.

Na verdade, o trabalho inicial de Rosenberg foi completado e complicado por muitos investigadores e educadores, assim, temos um campo de pesquisa que determina muitas orientações e ferramentas educativas.

a outra grande dificuldade será traduzir os principais princípios do modelo de Rosenberg em ferramentas pedagógicas específicas e num posicionamento específico nas relações de aprendizagem.

5/ Perspetivas

para ultrapassar estes limites, cabe a cada um de nós verificar a riqueza dos recursos disponíveis sobre o “efeito Pigmalião” e construir a partir da diversidade da sua própria prática

para ir mais além neste ponto, convidamos todos a ver o artigo de David Trouilloud e Philippe Sarrazin, "conhecimento atual sobre o efeito de Pigmalião: processo, peso e moduladores" (Revue Française de Pédagogie, N° 145, 2003 - http://ife.ens-lyon.fr/publications/edition-electronique/revue-francaise-de-pedagogie/INRP_RF145_7.pdf).